

MENSAL N.º 15 AGOSTO 2013 FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

BELIMUNDA

FESTIVAL

MUSICALS

DOWNDO

Que é, afinal, a realidade? o que e quem sou eu, afinal, nisso que me ensinaram a chamar realidade? Um livro existe, deixará de existir, existirá outra vez. Uma pessoa escreveu, outra assinou, se o livro desapareceu, também desapareceram ambas? E se desapareceram, desapareceram de todo, ou em parte? Se alguém sobreviveu, sobreviveu neste, ou noutro universo? Quem serei eu, se tendo sobrevivido, não sou já quem era? **José Saramago**

Casas-Museu de escritores

Durante o mês de Julho, a jornalista Raquel Ribeiro, do *Público*, andou por Portugal em visita a casas-museu de vários escritores. O resultado pôde ser lido no jornal diário, em papel e na versão digital, e pelo menos uma das reportagens está acessível aos não-assinantes (dedicada a Aquilino Ribeiro). Os escritores em destaque foram Eça de Queirós, Antero de Quental, Camilo Castelo Branco, José Régio, Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro, Guerra Junqueiro, Miguel Torga, Júlio Dinis e Fernando Namora, sempre com artigos construídos a partir dos espaços outrora habitados e agora legados em jeito de memória patrimonial, o que permitiu conhecer alguns hábitos e obsessões (como a colecção de crucifixos de José Régio), bem como integrar algumas das obras históricas da literatura portuguesa no lugar onde foram criadas, quer na intimidade da casa, quer na identidade da paisagem humana e natural circundante. E na prosa tão atenta ao grande ângulo como ao ínfimo detalhe de Raquel Ribeiro, as palavras dos autores e as descrições dos espaços encontram uma harmonia capaz de lançar novas afinidades para com os livros que cada escritor assinou. Numa época em que a imprensa escrita parece reduzir o seu espaço para artigos de maior fôlego, baseada na premissa (pouco compreensível) de que na era da rapidez os leitores não querem ler textos longos, é de saudar que o *Público* tenha aberto as páginas a uma série como esta. Que venham mais.

➔ Casas-Museu

Ferreira de Castro



Narrativas contemporâneas

Recentemente estreada na internet, a revista *Anfibia* quer ser um espaço de partilha de narrativas onde se cruzam o olhar jornalístico com o cronístico, dando especial destaque ao espaço argentino e latino-americano, mas sem fechar as portas a outras geografias. Criada pela Universidad Nacional de San Martín, com o apoio da Fundación Nuevo Periodismo Iberoamericano, a *Anfibia* propõe reflexões sobre o mundo contemporâneo que, ainda que centradas num determinado território, não deixam de oferecer matéria para pensar globalmente. É o caso de textos como «Mandela: de la cárcel al tatuaje», onde a historiadora Marisa Pineau analisa o processo de apropriação de uma referência histórica, política e social como Nelson Mandela pela cultura popular, ou de «La cámpora del Papa», assinado por Gustavo Ludueña, onde se reflecte sobre a relevância de o novo Papa ser argentino para o posicionamento da América Latina no mundo e sobre o impacto que a recente visita papal teve num Brasil atravessado pela contestação nas ruas.

Como se lê no texto de apresentação da revista, «Lo anfibio es el cruce de los discursos del periodismo hacia las fronteras académicas y de los discursos de la teoría y el análisis hacia las nuevas narrativas. Pretende ser el elemento sintético de dos lenguajes que, al dialogar, entran en crisis. En ese sentido, *Anfibia* no es sólo una revista: es un ámbito experiencial.» Esse âmbito confirma-se quando se passa os olhos pelos títulos em destaque no site da revista, percebendo-se a multiplicidade de abordagens e de modos de contar, pensar, discutir e propor leituras do mundo. A partir de agora, confirmando que as propostas editoriais mais arrojadas surgem frequentemente fora do espaço tradicional da imprensa em papel, valerá a pena fazer desta revista uma leitura regular.

🔗 **Anfibia**

**FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO
THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION
CASA DOS BICOS**

**Segunda a Sexta
Monday to Friday
10 às 18 horas
10 am to 6 pm**

**Sábado
Saturday
10 às 14 horas
10 am to 2 pm**

**ONDE ESTAMOS
WHERE TO FIND US**
Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa
Tel: (351) 218 802 040
www.josesaramago.org
info.pt@josesaramago.org

**COMO CHEGAR
GETTING HERE**
Metro Subway Terreiro do Paço
(Linha azul Blue Line)
Autocarros Buses 25E, 206, 210,
711, 728, 735, 746, 759, 774,
781, 782, 783, 794

Lisboa no Ano 3000

A referência imediatamente associada ao nome de Cândido de Figueiredo é um dicionário da língua portuguesa publicado em 1899 e regularmente reeditado até hoje. Ao dicionário juntam-se os estudos de filologia e linguística e, menos conhecidos, alguns textos de crítica e ficção. É sobre um destes textos, *Lisboa no Ano 3000* (que pode ser lido em edição da Frenesi), que Nuno Fonseca escreve na Orgia Literária, chamando a atenção para o facto de o volume constituir a primeira incursão conhecida da literatura portuguesa pelos caminhos da ficção científica. Publicado em 1892, a obra «dedica-se mais ao passatempo nacional do comentário social e político com pezinho de humorista, do que às aventuras do seu protagonista. Mas nela encontramos algumas ideias futuristas engraçadas: a Austrália como centro do mundo civilizado e o czar Russo como líder de uma Europa em Ruínas; máquinas voadoras em forma de Dragões e uma biblioteca gigantesca, onde os livros são enormes rolos que podem ser lidos com ajuda de um sistema automatizado», tal como explica Nuno Fonseca. Produto de uma época em que o desenvolvimento tecnológico e científico permitiu fantasias e projecções futuristas de enorme qualidade, o livro de Cândido de Figueiredo não será uma obra-prima do género, mas o seu interesse reside, segundo o autor do texto, no que dá a ler sobre a relação entre a sociedade e a cultura portuguesas da época e a divulgação de novas invenções, técnicas e possibilidades. O facto de ser o primeiro livro português de ficção científica acaba por ser um pormenor, mais interessante para bibliógrafos (e caçadores de ‘primeiras vezes’) do que para a generalidade dos leitores. Já agora, fica o registo de que a Orgia Literária vai estreitar, em Setembro, uma revista digital, pelo que se recomenda atenção ao site.

➔ Ficção Científica

A melhor língua

A ideia de uma versão mais correcta, pura ou verdadeira de qualquer língua é comum em muitos falantes, independentemente da geografia linguística. Se os falantes tiverem crescido numa região onde o dialeto corresponde à norma culta da sua língua, é quase certo que acreditarão que apenas os falantes de outras regiões da mesma língua apresentam ‘sotaque’, sendo a sua forma de falar isenta deste traço. Na verdade, estas são impressões e opiniões motivadas por factores de ordem social e cultural, sem fundamento linguístico mas com enorme repercussão na identidade de cada comunidade. Na Colômbia, primeiro país de língua castelhana a criar uma Academia da Língua, a crença de que o modo de falar nacional é ‘o melhor’ pode motivar algumas discussões mais acesas com habitantes de outros países, mas é também um bom ponto de partida para um debate aberto sobre a língua. Foi com esse objectivo que a investigadora Ana Beatriz Chiquito, da Universidade de Bergen (Noruega) e do Instituto Tecnológico de Massachusetts (MIT), passou alguns dias na Colômbia para avaliar os dados resultantes de um inquérito sociolinguístico realizado em cidades da América do Sul e de Espanha. Juan David Torres Duarte, jornalista do *El Espectador*, acompanhou a visita da investigadora num artigo que pode ser lido on-line e onde vários preconceitos sobre línguas e dialectos se quebram de modo claro (por exemplo, nas palavras que Víctor García de la Concha, da Real Academia Española de la Lengua, proferiu em 2005: «Colombia sí habla un muy buen español. Pero, de ahí a que sea el mejor, bueno... Esa frase es cierta, pero hay que matizarla porque yo no creo que haya versiones de mejor español. Lo que sí quiere decir es que Colombia tiene una tradición histórica de preocupación por la lengua, desde su propia independencia»).

➔ Língua

Granta

Há publicações que marcam gerações de leitores e escritores, deixando herdeiros duradouros mesmo depois do seu desaparecimento, e outras que são barómetros imprescindíveis para nos orientarmos no imenso caos da produção literária contemporânea, não apenas pela qualidade das suas escolhas, mas igualmente pelo que oferecem de diálogo e descoberta a nível internacional. A *Granta* está nesse patamar, ou não fosse ela a revista de eleição naquelas situações em que, estando um leitor numa livraria estrangeira, tentado pelas lombadas e pela oferta temática, percebe que não terá moedas que cheguem para reunir todos os livros que gostaria sobre a literatura do país onde se encontra, acabando por levar a revista que lhe permite ter uma ideia do que se anda a escrever por aquelas paragens. Depois de décadas de ausência que nos faziam sentir ora provincianos, quando elogiávamos as *Grantas* alheias, ora armados em modernos que acham que tudo o que de bom há além-fronteiras tem de existir também por cá, quando lamentávamos não haver uma edição portuguesa, ora, ainda, gratos por partilharmos o idioma com o Brasil, o que nos permitia ler os textos que por lá saíam nos

últimos tempos (ainda que com um custo de importação elevado), a *Granta* chegou a Portugal.

O feito deve-se à editora Tinta da China e ao jornalista Carlos Vaz

Marques, que assumiu a direcção da revista, e o número 1 confirmou as altas expectativas que uma bem montada campanha de marketing online alimentou durante semanas. A primeira *Granta* portuguesa tem o «Eu» como tema central e contribuições de autores portugueses e não só. Para além de Dulce Maria Cardoso, Hélia Correia, Afonso Cruz, Ricardo Felner, Valter Hugo Mãe, Rui Cardoso Martins e Valério Romão, podem ler-se textos de Saul Bellow, Rachel Cusk, Simon Gray, Ryszard Kapuściński e Orhan Pamuk. Aos textos juntam-se ilustrações de Vera Tavares (responsável pelo design da revista) e um portefólio fotográfico de Daniel Blaufuks (que também assina a fotografia de capa), para além da edição crítica de um conjunto de sonetos inéditos de Fernando Pessoa, da responsabilidade de Jeronimo Pizarro e Carlos Pittella-Leite. A selecção é de luxo, equilibrando autores consagrados e mais recentes, recuperando textos há muito publicados em diversas edições da *Granta* e colocando bem alta a fasquia de qualidade para a edição portuguesa. Já se sabe que vale a pena esperar ansiosamente pelo segundo número. **Sara Figueiredo Costa**



VVAA
Granta
Tinta da China

Cristóvão Silva e Manuel Mendes de Moraes

Jogos tradicionais Portugueses

Ministério da Educação Nacional/Direcção-Geral do Ensino Primário, 1964

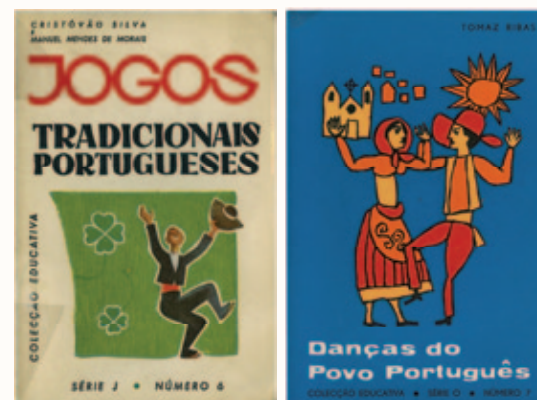
Tomaz Ribas

Danças do Povo Português

Ministério da Educação e Cultura/Direcção-Geral da Educação Permanente,

2.ª ed., 1974 (1.ª ed., 1961)

Livraria Utopia, Porto (8€ cada volume)



se incluem os habituais louvores ao exercício físico e a condenação das reuniões em tabernas), constitui um óptimo repertório para uma primeira aproximação ao universo dos jogos tradicionais.

Em *Danças do Povo Português*, Tomaz Ribas elabora um percurso pelas diferentes regiões do país a partir das danças tradicionais de cada uma delas. Curioso é notar, logo na introdução, que Ribas contraria a ideia de unidade nacional de modo tão discreto como veemente, afirmando a heterogeneidade das tipologias da dança relativamente ao território. Conhecedor profundo da matéria sobre a qual se debruça, o investigador e coreógrafo descreve cada dança seleccionada com pormenor, acrescentando a pauta com a música respectiva, ilustrações de bailarinos em plena função e comentários que, em muitos casos, oferecem ao leitor informações sobre trajes, instrumentos e outras tradições para além da dança.

Em ambos os casos, os livrinhos em formato de bolso, resultantes de um cuidadoso plano nacional de educação com mais fervor ideológico do que informativo, constituem aquisições preciosas para qualquer biblioteca interessada em guardar para o futuro recolhas bem documentadas sobre as práticas tradicionais das diferentes regiões portuguesas. O que o presente e o futuro fazem e farão com elas não tem de dever nada à má herança dos anos da ditadura.

O elogio de edições publicadas durante os anos do fascismo tende a ser mal interpretado em alguns círculos, algo que se compreende tendo em conta o que foi a ditadura de Salazar, mas que merecia ser repensado à luz do valor intrínseco de cada documento. Os dois livros encontrados na Livraria Utopia são um de entre muitos exemplos de como vale a pena respigar em alfarabistas para encontrar edições bem feitas e livros imprescindíveis para se compreender melhor a época em que foram produzidos.

Jogos Tradicionais Portugueses, de Cristóvão Silva e Manuel Mendes de Moraes, e *Danças do Povo Português*, de Tomaz Ribas são duas edições impressas na década de sessenta com a chancela do Ministério da Educação Nacional, organismo que publicou centenas de livros de carácter didáctico e informativo sobre os mais variados temas, muitos não escondendo a vertente ideológica, mas muitos, também, oferecendo contributos inigualáveis para a fixação e a síntese de diferentes áreas do conhecimento. O primeiro livro reúne a descrição detalhada, com imagens, de vinte e cinco jogos tradicionais, todos apresentados como genuinamente portugueses (a vertente ideológica nunca falhava), mas logicamente resultantes de influências culturais que transcendem o patriotismo mais chão, até porque não é difícil encontrar os seus ecos

Sines,

Sara Figueiredo Costa

coração

do mundo

Chegado à 15.^a edição, o Festival Músicas do Mundo [FMM] já não tem muito a provar. Quem pensa instalar-se em Sines a partir de meados de Julho sabe que contará com um cartaz excecional, escolhido criteriosamente por uma equipa liderada por Carlos Seixas e capaz de equilibrar nomes consagrados e projetos menos conhecidos, um programa de atividades extra-musicais e um ambiente que ninguém hesita em classificar como especial, não naquele sentido de que todos os festivais de música o são para quem lá está, mas antes porque em Sines parece respirar-se uma atmosfera de comunhão perante o mundo, uma vontade de o conhecer através das suas expressões musicais. Este ano, o cartaz compôs-se de estreias e regressos, com vários nomes que já passaram por Sines a regressarem aos palcos que tão bem os acolheram e com bandas e músicos que ainda não conheciam o ambiente do FMM e que, depois desta edição, talvez queiram, também eles, regressar.

«Agora no Mali, estamos bem. Acabaram-se os islamitas e vamos ter eleições.» O optimismo de Bassekou Kouyaté contagiou a plateia do castelo de Sines na primeira noite do Festival Músicas do Mundo deste ano. O Mali fica longe da costa alentejana, tão longe que nem sempre é fácil compreender todas as referências que Bassekou Kouyaté faz ao quotidiano do seu país, mas se o FMM tem uma característica que o define, talvez seja esta: durante os dias de música espalhada

por vários espaços da cidade, Sines é o coração do mundo (e coração não é o mesmo que umbigo, ainda que ambos se possam considerar um centro para cada corpo), um espaço onde se adivinha uma comunhão entre desconhecidos que não advém do culto pop por alguma banda, ou de uma mensagem publicitária repetida como slogan, mas antes de uma vontade de conhecer, ouvir, aprender. Talvez por isso não seja essencial saber os detalhes do programa antes de comprar os bilhetes, nem sequer conhecer todas as bandas e músicos que atuam. Garantida a qualidade, também a pluralidade de origens, sonoridades e abordagens à música de raiz tradicional está assegurada, o que torna possível acabar o dia ouvindo o acordeão e a voz quente de Celina da Piedade, passar pelos Bartz com as melodias judaico-romanas onde se encaixam poemas de Pasolini e acabar a noite com a fúria sonora dos Dubioza Kolektiv.

A cantiga é uma arma

Intervenção foi uma das linhas definidoras do primeiro fim de semana do FMM. Nascidos na Bósnia-Herzegovina, os Dubioza Kolektiv regressaram a Sines um ano depois para confirmar que a música de intervenção não são apenas baladas e baladeiros. O ska, o rock mais potente e as tradições melódicas balcânicas parecem ter passado por um acelerador de partículas antes de se transformarem em espetáculo sonoro e visual supersónico, com tanto espaço para a reflexão sobre a guerra dos Balcãs como para a crítica



à hipocrisia institucional que escolhe ajudar umas vítimas e não outras em função da conjuntura. E nem os fatos usados pela banda, um cruzamento entre o alfaiate da Abelha Maia e as fardas dos operários de uma qualquer central nuclear, retiram seriedade à função.

Antes dos Dubioza Kolektiv, Baloji também não afastou a cidadania da sua actuação. Nascido no Congo e vivendo na Bélgica desde criança, o cantor que mistura hip-hop e soul sem que se vejam as costuras sonoras andou pelo meio do público e fez questão de explicar que a crise política que faz as notícias internacionais sobre o Congo não é diferente da que se vive na Nigéria, Costa do Marfim, no Níger, no Mali ou em Angola. A corrupção e os negócios obscuros envolvendo instâncias de vários países não têm especial apreço por fronteiras e fica a sugestão de que um problema global só se resolverá com uma resposta global.

Sobre Angola refletiram os Batida, o projeto musical, poético e visual de Pedro Coquenão que fechou a noite de sábado cruzando ritmo, poesia e alguma sátira. No compasso do kuduro e dos sons da eletrónica, desfilaram convidados cujas participações musicais e de dança, acompanhadas por imagens de vídeo (algumas reconhecíveis do documentário *É Dreda Ser Angolano*, assinado em 2003 por Fazuma, o colectivo ao qual pertence Pedro Coquenão), traçaram um retrato duro da Angola governada por José Eduardo dos Santos, mostrando que resistir é mais difícil quando a palavra democracia é apenas um enfeite, mas que ainda assim vale a pena o esforço.

Antes dos Batida, JP Simões protagonizou um concerto que

podia ter sido a senha para uma espécie de depressão coletiva, não fosse o cantor um exímio transformador de derrotas em momentos a que vale a pena brindar, porque pelo menos estamos vivos. Nas letras de JP Simões a decadência torna-se festiva e nem a consciência de estarmos a bater no fundo (ou de ainda não termos chegado ao fundo e não sabermos quanto tempo falta para isso) apaga a vontade de sambar, beber um copo e celebrar o tombo. Os números do desemprego, a crise que todos os dias se vê televisionada, os descritivos da nossa miséria coletiva entre velhos com fome e gente que quer fugir sem ter para onde, não faltou nada à celebração, porque se isto «é o Carnaval dos horrores/ a marcha dos implacáveis», mais vale que nos apanhe prontos para celebrar a vida.

As estrelas não tombam



um festival como o de Sines, o fenómeno da estrela musical que garante a presença do público não tem cabimento. Mesmo que haja bandas ou intérpretes mais conhecidos, não é exclusivamente por eles que o público ruma ao FMM. Ainda assim, talvez Hermeto Pascoal tenha assegurado algumas presenças, dispostas

a ouvir os outros intervenientes da noite, sim, mas porque o mestre brasileiro tocaria nessa sequência.



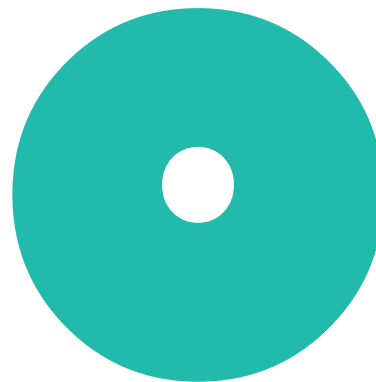
sines, o coração do mundo

Os DakhaBrakha, quarteto ucraniano que cruza as sonoridades tradicionais da sua região (inventando algumas e apropriando-se de outras, como nos alertou o jornalista Gonçalo Frota, do *Público*, conhecedor profundo do universo a que as discográficas gostam de chamar *world music*) com influências oriundas dos quatro cantos do mundo e de muitas cronologias diferentes, tinham acabado de deixar o público de Sines em êxtase quando o momento mais aguardado da noite teve início. Hermeto entra, ocupa-se do seu piano e faz brilhar à vez cada um dos membros da banda que o acompanha, apresentando-os pelo nome e permitindo-lhes longos solos, antes de brilhar ele próprio. O concerto transforma-se em performance peripatética, com os músicos trocando de lugar e até de instrumento conforme as indicações do maestro. E Hermeto Pascoal é um maestro com o corpo todo. Salta e o piano acompanha-lhe o movimento sem falhar. Depois canta, grita e o público acompanha com precisão, mesmo quando a melodia é errática e a letra uma espécie de glossolália tropical com ecos jazzísticos. Com a plateia rendida, agarra numa chaleira e faz dela um instrumento de sopro, pedindo réplica. E quando já se tornou claro, mesmo para quem pudesse não conhecer Hermeto, que qualquer objeto ou corpo pode transformar-se em instrumento, segue-se um copo: «Agora, como Portugal é a terra do vinho mais maravilhoso do mundo, eu vou fazer um improviso tocando no copo de vinho». E toca, virtuoso.

No momento em que o concerto devia aproximar-se do fim, alguém da produção terá avisado um dos músicos que era tempo

de caminhar para a conclusão, mas Hermeto, intempestivo, percebeu o aviso como uma ordem para acabar abruptamente a festa. Foi o descalabro, com direito a insultos ao FMM em frente a uma plateia atônita. Alguns minutos depois, Hermeto regressou com a banda e o músico que terá percebido mal a indicação da produção explicou-se, apresentando um *grand finale* para sanar a zanga. Em parte, conseguiu fazê-lo, mas não deixou de ficar no ar um certo ambiente de mágoa. Apesar disso, quem assistiu ao concerto não esquecerá a oportunidade de ter visto e ouvido um dos músicos mais geniais da nossa era, um daqueles casos em que os adjetivos elogiosos não são gratuitos nem exagerados.

o FMM para além da música



s concertos no castelo ou no Centro Cultural compõem a parte mais visível do Festival Músicas do Mundo, mas a programação que se oferece em Sines é muito mais vasta. Instalada na Capela da Misericórdia, mesmo ao lado da igreja matriz, a feira do livro e do disco completava da melhor forma o cartaz musical. De um lado, os discos de quase todas as bandas e intérpretes que passaram pelos palcos, do outro, uma seleção de livros cuidadosamente elaborada por Joaquim Gonçalves, o livreiro da A das Artes. Situada na Avenida 25 de Abril, a livraria A das Artes



dakhabrakha

desdobrou-se, nestes dias, em dois espaços, e quem passou pela capela pôde ver o livreiro de Sines em acção, recomendando livros entre novidades e fundos de catálogo e falando das suas leituras mais recentes, reveladoras de uma vontade admirável de oferecer aos clientes a informação personalizada que se espera de um bom livreiro. Para além de recomendar livros, Joaquim Gonçalves foi igualmente o dinamizador de várias sessões com escritores convidados para participarem no FMM conversando com o público presente na capela. Paulo Moreiras, Afonso Cruz, Ana Margarida de Carvalho e Paulo Campaniço foram os escritores convidados, todos lidos e anotados pelo livreiro que, em conversa com a *Blimunda*, falou dos livros de cada um deles com a paixão que só os grandes leitores podem demonstrar.

Se parte considerável da assistência que acompanhou os concertos de cada noite até ao fim passou as manhãs a recuperar as horas de sono perdida, houve muita gente acordada nas manhãs de Sines. Para esses, e sobretudo para os mais novos, o FMM programou vários ateliês com músicos que actuaram no festival. Bassekou Kouyaté & Ngoni Ba, do Mali, Barbez, dos Estados Unidos da América, ou Asif Ali Khan, do Paquistão, foram alguns dos compositores e intérpretes que partilharam com as crianças inscritas nos ateliês o

seu conhecimento e práticas musicais, cumprindo uma das funções que se espera de um festival como este: a formação de públicos. Se os participantes nestes ateliês não puderam acompanhar concertos como o dos Batida ou dos Dubioza Kolektiv até altas horas da madrugada, puderam, em compensação, beneficiar de uma experiência que nenhum dos notívagos conheceu.

No Centro de Artes de Sines, uma exposição de José M. Rodrigues, *Improvisos*, acompanhou os dias do FMM. Houve ainda sessões de teatro, histórias contadas em voz alta, cinema, sessões com DJ's. Para o ano, depois de um número redondo, espera-se o regresso do mundo ao furacão estival de Sines.

Nota: os artigos que saíram no *Público*, assinados por Gonçalo Frota, sobre a edição de 2013 do Festival Músicas do Mundo podem ser lidos aqui <http://www.publico.pt/festival-musicas-do-mundo>. Não será prática corrente uma publicação recomendar a leitura de publicações alheias sobre um mesmo tema, mas vale a pena quebrar as regras da ortodoxia jornalística para se aconselhar boa prosa.



deleg

ressão à

infantil e juvenil

andrea brites

deleg

No mês em que as aldeias reganham vida efémera, cheias de carros, romarias, feiras e festas, recuperamos esse momento em que o mundo rural se começou a esvaziar e as crianças ganharam idade e transformaram os sonhos em partidas. Através da leitura da obra juvenil de António Mota, caminhamos por montes, penedos e vales, e encontramos lugares no tempo em que ainda ecoavam muitas vozes. Com Manuel António Pina, aprendemos a ler, segundo a tese de doutoramento de Sara Reis da Silva. Juntamo-nos aqui à cruzada de legitimar a literatura infantil e juvenil portuguesa.

Fotografias de Jorge Silva



António Mota

A alma da ruralidade

E o próprio escritor quem afirma que os seus livros são duros. Não há como negá-lo. António Mota pauta a sua identidade literária por um realismo surpreendente, no universo da literatura juvenil. Fala da ruralidade, entre o sonho e a desesperança, com um permanente sentido dos limites que cada uma das pequenas aldeias de nome inventado inscreve no chão, tanto quanto na alma dos que nelas vivem. E dos que partem.

Quem procurar saber como ficou deserta a geografia rural do país, encontra respostas nos retratos de várias décadas que António Mota registou e hoje continuam a fazer parte das leituras dos adolescentes.

Em parte, dever-se-á a um trabalho continuado de mediação, por parte de muitos professores e bibliotecários, que insistem em lê-lo e recomendá-lo. Também se deverá, muito, ao trabalho do próprio autor, que conversa com milhares de alunos por ano, nas constantes visitas que faz a escolas e bibliotecas.

Poder-se-á considerar que o universo rural, totalmente desco-

nhecido de muitos leitores, será um fator de desinteresse, assim como o tempo histórico de muitas novelas: a década de 60 do século XX. Estes dois fatores não promovem a identificação da maioria dos leitores com o que lê, que ali não encontra referências claras ao seu próprio universo.

Inversamente, todos os protagonistas têm no seu discurso um tom memorialístico que soa verídico. Esta veracidade é essencial para o pacto de leitura, que se estabelece na descoberta da vida de alguém que tem a idade do leitor, noutra comunidade, com outro código, mas mesmo assim adolescente, com sonhos, desejos, conflitos, família, amigos, perdas e conquistas.

Essa é a dimensão intemporal e a-espacial da obra de António Mota, reforçada pelas histórias que conta aos jovens, nos seus encontros, e que reiteram essa identidade real. Todas as obras replicam e ampliam a própria biografia do autor que cria as suas personagens mesclando episódios da sua vida com as vidas que conheceu, e de que ouviu falar, entre fragmentos de memória e imaginação.

A cabra Branquinha, do conto homónimo (*O Lobisomem*, 1.^a ed., Gailivro, 2013, pp. 71, 72), que foi oferecida ao narrador, ainda



criança, pelo pai, e se tornou no seu animal de estimação e na sua principal responsabilidade doméstica, aparece como Pernas Tortas em *A Terra do Anjo Azul*. Aquela que tão feliz faz Henriquinho, que sonha com o dia em que a cabra há de dar leite, é também um pouco a cabra que o escritor teve na infância e da qual tantas vezes já falou. Na ternura ácida do discurso oral, reconhece-se o escrito, ambos conscientes e tranquilos com o lugar de cada um no mundo, e com as suas próprias contingências. Henrique tem pena de Pernas Tortas, quando a vai vender, velha e cansada, à Feira, sabendo que a amiga irá para lugar distante, sozinha e com destino traçado. Mas aceita-o com a sabedoria que a intimidade com os elementos da natureza lhe dá. Saudade, pena, ternura coexistem com o odor das violetas que as mulheres e raparigas de várias novelas usam como perfume, tanto quanto com as moscas varejeiras e os cheiros das cortes.



doria com a tranquilidade e a segurança de que o jovem de 10 ou

pesar de se alterarem alguns elementos no retrato familiar, com casas mais acanhadas ou mais espaçosas, de chão de terra ou cimentado, com pais ou mães mais afáveis ou violentos, haverá sempre a figura de um ancião, seja ou não o avô, que passa a sua sabedoria com a tranquilidade e a segurança de que o jovem de 10 ou

12 anos tanto necessita. Adrianinho, o contador de histórias entrevado, de *O Rapaz de Louredo*, é disso exemplo paradigmático. As figuras femininas são por norma fortes, havendo mães solteiras, mulheres que guardam amores secretos e não correspondidos, avós que ainda ditam as regras de funcionamento da casa, tias que substituem mães, e sobretudo mães que trabalham a terra e zelam pelos filhos, completando as tarefas que o pai não consegue realizar, pelos trabalhos avulsos que vai arranjando aqui e ali. As descrições dos afazeres domésticos emparelham com a jorna do campo, entre a pastorícia de algumas cabras ou uma vaca e a criação de ovelhas, porcos, galinhas e coelhos, e a rega, a sementeira, a lavra.

Nas pequenas rotinas antecipa-se toda uma economia pobre, que se resume praticamente à venda de gado, muitas vezes suportada por serviços à jorna na época das colheitas, essencialmente manual, e que coexiste com a gestão dos recursos imediatos da terra: os ovos, as papas de farinha e pão, o queijo, a fruta. Nos dias festivos, o coelho ou o galo. Uma vez por ano, a matança do porco e a conserva das carnes, que ajudam a alimentar famílias de quatro, cinco, seis elementos. Ainda os pequenos luxos que se compram nas Feiras, os principais atrativos lúdicos das comunidades: um anel, um pano para uma blusa, os tamancos, um chapéu, ou uns sapatos...

Os detalhes leem-se no fluir dos acontecimentos narrativos e dão a cada personagem a densidade de uma personalidade, um papel que nunca é linear. Não há pessoas boas nem pessoas más,

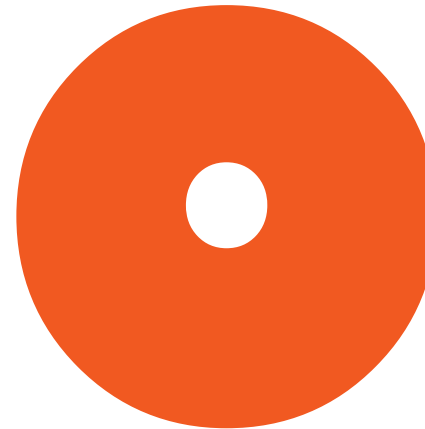


mesmo quando os protagonistas as veem com medo, com curiosidade, com distância. Há tarefas definidas, uma organização que estas crianças aceitam e reconhecem. Só assim podem procurar o seu lugar, e questionar se o desejam, ou se preferem uma alternativa que é, sistematicamente, partir para a cidade.

A morte está sempre presente, seja numa memória, seja no decorrer da diegese. Como uma das grandes contingências daquelas vidas: a morte ronda, como ronda a partida, como se instala a pobreza.

A morte do avô Zeferino, em *Os Sonhadores*, algures nos montes depois de enlouquecer, ou simplesmente ter ficado esclerosado; a morte de Amélia, a mãe de Marta, atropelada, em *Cortei as Tranças*; o Tio Alberto que se enforcou em *O agosto que nunca esqueci*; o Chico da Juliana, morto de doença ou morte natural, em *A Terra do Anjo Azul*, são apenas alguns exemplos. Faltam os cães para quem é preciso fazer uma cova, ou as ninhadas de gatos recém-nascidos. E os coelhos e os galos que se sangram para o arroz. A morte é uma inevitabilidade. Algumas choram-se, outras cumprem-se. As que mais doem nos protagonistas são a da mãe de Marta, que a deixa responsável pela casa e sem rumo na vida, como deixa a tia Zulmira com mais um desgosto no coração, e a de Chico da Juliana, o amigo secreto de Henrique, o artista a quem queria oferecer uma preciosa perna do galo morto em honra de ter passado no exame da quarta classe. Ninguém está vivo sem conviver com a morte, ninguém cresce sem ela. A morte é um dos momentos essenciais

da cosmogonia que António Mota cria, a partir de todos os fragmentos que constituem a memória, e que não têm norte até serem contados. A morte, mais próxima ou mais distante, antecede uma mudança, o clímax de cada narrativa, que obriga a qualquer coisa de novo, uma espécie de renascimento necessário. Mesmo que não seja imediato, ou que não tenha uma relação de causa-efeito narrativo (nunca a tem), a morte não escapa à narrativa, e os protagonistas não escapam à mudança.



s sonhos são miúdos, ao nível do que se conhece. As crianças cedo aceitam uma de duas coisas: ficarão na aldeia, trabalhando o campo ou aprendendo um ofício, ou partirão para a cidade, onde também trabalharão nos serviços ou num ofício. Não há, entre adultos e crianças, grandes esperanças em estudar muito. O exame da quarta classe aparece em *O Rapaz do Louredo*, *A Terra do Anjo Azul*, *O agosto que nunca esqueci* como marco iniciático. Acabado o 1.º ciclo, os rapazes sabiam que iam trabalhar e muitos ansiavam por isso. N' *Os Sonhadores*, Hermenegildo continua os estudos até ao 5.º ano do liceu, longe de casa, a viver num quarto em Amarante, e isso vale-lhe um lugar administrativo na secretaria de uma Escola. Essa é a perspectiva de migração



geográfica e social, o elemento mais duro, surpreendente, chocante até, dos livros. Como não imaginar outro caminho? António Mota constrói claramente essa barreira, sem nunca alardear que ninguém, ou quase ninguém, se permitia sequer sonhar tão longe. A limitação da ruralidade foi também essa: uma limitação pessoal, interior. Ao mesmo tempo, a cada final, o leitor fica suspenso, imaginando como terá sido a vida de David ou Henrique quando chegaram ao Porto, com doze anos, para começarem a trabalhar, vivendo em quartos com o apoio de um parente com quem não tinham contacto próximo. Ou a vida de Jorge, que atrás da ilusão do pai, abandona, com a mãe e os irmãos a casa pobre de Louredo para se instalar numa barraca, algures em S. Mamede de Infesta, num dos muitos bairros clandestinos que proliferaram nas décadas de 70 e 80.



mas há outros quadros, como em *Heróis do 6.ºF*, narrado noutra tempo, a que já podemos chamar de presente. Também Marta, que vive na Vila de Campelo e abandona a escola no início do 3º ciclo, poderia existir hoje. Aqui as perspetivas são outras, mas não deixam de estar ensombradas por um desinteresse que abre caminhos distintos daqueles que nos habituámos a considerar os melhores. Marta descobre, no final da novela, que a sua vocação

é ser eletricista, e decide aprender a profissão com o irmão mais velho. Essa epifania revela-se a chave para a sua realização, para a sua felicidade. E espanta o leitor que espera um desfecho consentâneo com regras sociais que tantas vezes colidem com a realização pessoal e os sonhos de cada um.

Se há elemento que define a ausência de moralismo ou didatismo na obra de António Mota, é este. Conseguir defender, na voz das personagens, os seus sonhos, os seus planos, mesmo que em nada se aproximem do enriquecimento, do prestígio ou do reconhecimento social é defender uma ética de dignidade, mais do que apenas e tão só retratar as limitações do mundo rural. Senão, e tendo em conta o pendor biográfico das novelas, faria sentido que também estes jovens estudassem, à imagem do que aconteceu com o escritor.

É evidente que as condições económicas da maioria das famílias retratadas nos livros, assim como o peso do isolamento, constituem argumentos incontornáveis para muitos destinos que, embora sem que seja afirmado explicitamente, estão à partida condicionados. Mas aqui trata-se de observar essa realidade por dentro para chegar aos sonhos dos protagonistas. Se esses sonhos nascem já, em grande parte, barricados pelo contexto adverso, não deixam de valer a pena, tanto como outros sonhos quaisquer.

A emigração habita igualmente as narrativas que se desenrolam nas décadas de 60, 70, até 80. Já se relatam episódios cómicos das visitas dos emigrantes à aldeia, com os carros reluzentes, as modas e o comportamento *voyeurista* dos autóctones. Todavia,



acentua-se a fuga, sempre de noite, com o auxílio de um passador. Foge-se por amor, foge-se para escapar da guerra colonial, foge-se para arranjar forma de sustentar a família que se deixa. As cartas revelam que os emigrantes continuam ligados à terra, trabalhando como assalariados em quintas mecanizadas, longe dos grandes centros urbanos.

Para além dos que partiam para a vila mais próxima, onde ficava o café central, a costureira e se montava a Feira, e que era o desejo das raparigas casadoiras, havia quem tivesse partido para a cidade grande ou para a sua periferia. O Porto aparece como principal referência urbana das aldeias do Douro, mas Penafiel, S. Mamede de Infesta ou o Barreiro também constam nesta geografia em movimento. A migração já deixava marcas nos anciãos, que se recusavam a abandonar a sua terra.

A emigração e a migração caminham a par com a nostalgia pelo terrunho, a melancolia dessa identidade e a culpa por, na partida, contribuir um bocadinho para a sua morte. As mães, resistentes aldeãs, ficam com os velhos a ver os filhos, as filhas e até os maridos, partirem. Assim era na realidade, mas também o é nesta simbologia que alberga uma moral social de época e um certo panteísmo.

A partida dos protagonistas é também simbólica. Há, a par com o crescimento que transforma o adolescente, uma amplificação de um espaço que se torna pequeno. A ideia de um outro tempo, distante, que parece quase onírico, atravessa o corpus do autor:

«Nesse tempo, eu pensava que o Souto era uma grande terra, que a torre da igreja, com a sua cruz de ferro lá no ciminho, tinha um tamanho gigantesco, que a residência paroquial, sempre branca como as açucenas que medravam nos canteiros do jardim, todos bordados a murta e com passeios empedrados, era a casa mais bonita do vale, e que a Vila, era o centro do mundo.» (*A Terra do Anjo Azul*, 6.^a ed., Gailivro, 2007, p. 47) ou «Nesse tempo, eu pensava que Vilares era uma terra grande, o centro do mundo. Achava que o rio que passava ao fundo do casario era bem largo e bastante fundo. No entanto, o leito do rio era tão estreito e tão seco no verão que se podia facilmente atravessar sem haver necessidade de molhar os pés» (*O agosto que nunca esqueci*, 5.^a ed., Gailivro, p. 15).

Essa mudança, que marca como ritual iniciático o final da infância e o início da vida adulta, é tão abrupta e radical que leva os rapazes, tão novos ainda, a saírem do ninho para um mundo desconhecido e gigante. Tal como as roupas deixam de servir porque o corpo cresce e muda, tal como se desperta para si e para o outro, assim se desperta para o mundo. A curiosidade é, também ela, intemporal, e a adolescência é o seu tempo, por excelência. As histórias que se ouvem já fazem outro sentido e o pensamento ganha uma velocidade que o leva para caminhos



desconhecidos, por explorar. O desafio interior ganha força entre os medos, as angústias, as separações. Seja qual for, é enorme, e todos os adolescentes o sabem, no seu íntimo.

É certo que é preciso ser-se um leitor competente para ler as obras juvenis de António Mota. O escritor não condescende um milímetro na temática, nem tão pouco na construção literária. Os regionalismos e o léxico específico da agricultura (entre utensílios e tarefas), da geografia e da flora não se decodificam imediatamente nem todos por igual. Contudo, essas marcas discursivas caminham a par de coloquialismos nos diálogos e em certos comentários do narrador-protagonista que aproximam o texto da oralidade. O efeito de proximidade que tal estratégia introduz é reiterado pelas frases curtas e pela narração em primeira pessoa, cuja focalização interna permite acompanhar com interesse episódios marginais à ação principal, assim como analepses que se transformam noutras narrativas encaixadas. A sensação de que o protagonista nos está a contar uma história permite que o tempo do texto se aproxime do tempo da leitura, o que também constitui um elemento facilitador.

O leitor adolescente tende a escolher as suas temáticas entre dois polos opostos: a experiência real, vivida por alguém como ele, e a fantasia exótica de um outro mundo. De alguma forma, os livros de António Mota, centrando-se no primeiro eixo, oferecem uma pitada do segundo, por se passarem em território inexplorado.

A ruralidade tem sido, recentemente, apontada como um cliché a que se recorre para catalogar o autor e a sua obra juvenil. Todavia, não podemos incorrer num erro antagónico, que é esquecer-la ou ignorá-la. A ruralidade é o principal alicerce destes livros e da biografia do escritor. Se não fosse por ela, não haveria veracidade nestes textos, nem património social, nem memória. Não há por que negligenciar essa identidade e sim lê-la para além da representação de um quadro, como acontece com a boa literatura.

Esta ruralidade tem alma, dimensão psicológica imanente nas personagens, poética. Para além de um sentido cinematográfico, há nesta escrita uma explosão sensorial, que extravasa, moderadamente mas em continuidade, a cada movimento, a cada pensamento, a cada palavra do narrador. A ruralidade confunde-se com a espacialidade e a interioridade das personagens, e dá-lhes essa qualquer coisa que os faz falar diretamente à emoção do leitor.



● **Rapaz do Louredo**

«O Alexandrinho fala-me de coisas que nunca tive oportunidade de ver, conta-me as aventuras que viu nos filmes do cinema, das peças de teatro que gostou, fala-me da praia e do mar, dos eléctricos, das manifestações. Fala-me agora de coisas que nunca vi. Mas ele não sabe tudo. Ficou de boca aberta quando lhe contei como vi nascer os cabritinhos, cheio de pena por não estar presente...

—Era bem capaz de fazer um desenho para mostrar aos meus amigos ou até de pedir a máquina fotográfica ao meu pai para tirar algumas fotografias, disse desconsolado.»

Dentro da saca iam duas lousas novas, dois ponteiros também de lousa, duas pontas de lápis, e um livro de leitura, tudo comprado na loja de Antoninho Foguete. O Lucindo levava uma saquinha com a merenda, que era nesse dia, nunca posso esquecer, um pedaço de broa e sardinhas fritas.

A escola ficava longe, por trás da serra.»

Postais da Terra

Nos livros juvenis de António Mota, recupera-se um quotidiano perdido de jovens protagonistas, habitantes de aldeias do interior, entre os anos 60 do século XX e a atualidade. Cada obra está repleta de descrições e retratos que marcam rotinas, expectativas, relações e sonhos.

Pardinhas

«Bem cedinho, saímos de casa. E eu, que era o mais velho, levava às costas uma saca de linho que a minha mãe fizera com os bocados de um lençol roto.

● **Lobisomem**

«Muitas vezes a imaginação é mais importante do que a realidade. Por isso, aquele pedaço de tábua, com a forma de uma pêra e um buraco no meio que lhe deu muito trabalho a fazer, e seis arames fininhos tirados da rede do galinheiro, atados a pregos e fazendo as vezes de cordas, era para o pequeno Joaquim um violão verdadeiro, capaz de acompanhar as cantigas que ele assobiava enquanto o gado retouçava, pouco incomodado com as fantasias do pastor.»

Cortei as tranças

«Nesse tempo, rapariguinhas cheias de sonhos e nada satisfeitas por vivermos em terra tão deserta, eu e a Amelinha começámos a pedir a tua avó que nos deixasse ir aprender uma arte.

Para dizer a verdade toda, não era só a arte que nos seduzia. O que nós queríamos era deixar Reixela e ir para Campelo. Andar todos os dias com uma enxada nas mãos, guardar gado, cortar erva nos lameiros e aturar cães não era modo da vida que nos conviesse.»

A Terra do Anjo Azul

«Pelo menos uma vez por ano, meu pai dava-nos a prenda mais apetecida. Num sábado, mal anoitecia, saíamos de casa com uma lanterna acesa para desviarmos os pés dos buracos e dos regos de água e, bem vestidos e bem lavados, andávamos ligeirinhos em direcção à Vila.

Era na Vila que estava o Café Central, cheio de mesinhas quadradas, com tampos de fórmica branca. Cada mesinha tinha quatro cadeiras e numa parede havia uma caixa castanha com uma tampa de vidro na frente que se chamava televisão e um papel que dizia ‘O empregado que fiava foi-se embora’».

O Agosto que nunca esqueci

«De noite, antes de adormecer, lia a carta e ficava à espera do sono, imaginando como seria a cidade do Porto, como seria viver sem ter junto de mim o meu avô, a minha mãe, a Adélia, toda a gente de Vilares.

Sim, era melhor eu ir-me embora. Que é que eu estava a fazer em Vilares? Partir sempre foi uma bela aventura.

De manhã acordava e lia a carta. E se eu não gostasse do emprego? Além de ler, escrever e fazer contas, de saber cortar erva para os animais, de cortar lenha e mato, de saber cavar e semear, eu não sabia mais nada. E isso angustiava-me imenso.»

Filhos do Montepó

«O meu padrinho Sebastião nunca gostou de trabalhar na terra. Quem nos contava isto era a minha mãe, nas noites frias e intermináveis dos meses de Inverno, ou quando andávamos a trabalhar nos campos.

Sebastião não quis ser barbeiro, nem carpinteiro, nem trolha, nem pedreiro.

Meu avô não compreendia aquele filho, nascido duas horas antes de minha avó morrer. Ele pensava que os filhos de Montepó deviam trabalhar na terra até ao fim da vida. Ou então que aprendessem um ofício que lhes desse o sustento de cada dia.»

Os Sonhadores

«Chovia muito nessa noite, e eu não fui jantar. Saí do quarto sem guarda-chuva e pus-me a caminhar ao acaso pelas ruas de Penafiel. Não me importava saber para onde ia nem tinha vontade de falar com ninguém. E pouco me estava importando que dona Sabina escrevesse à minha mãe. Eu estava farto de estar sozinho, estava farto

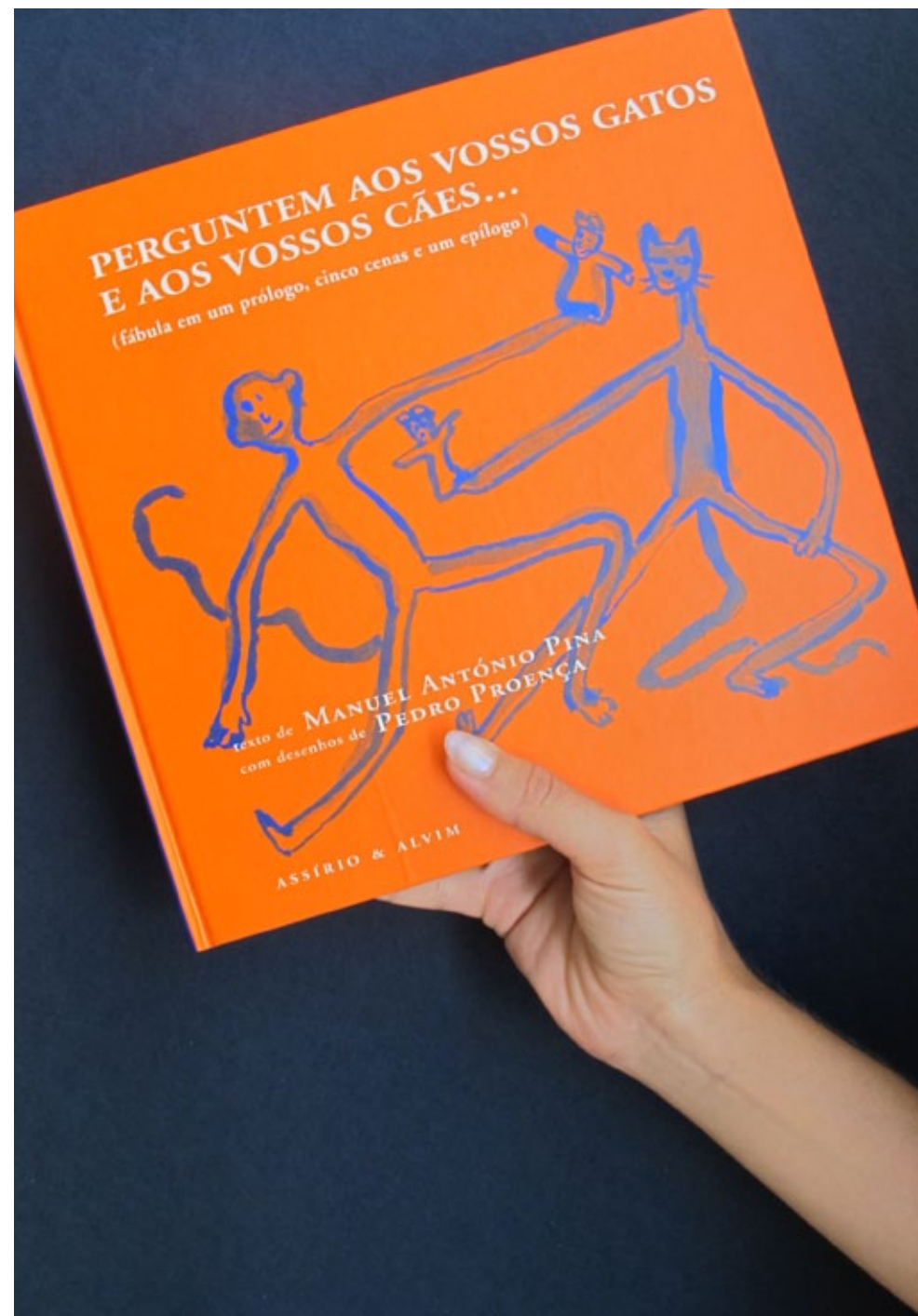
de ser alto e andar mal vestido, estava farto de ter nascido na aldeia, estava farto de não saber do paradeiro do meu pai, estava farto de sentir a pobreza do Plameiro, estava farto das lascas de bacalhau e dos pedaços de broa, estava farto de não ter um amigo verdadeiro. Estava farto de ser Hermenegildo, estava farto de ser o menino da dona Sabina.»

Aprender a ler com Manuel António Pina

Com a tese de doutoramento que agora se edita pela Fundação Calouste Gulbenkian, Sara Reis da Silva propõe-se descobrir e apresentar, de forma sistematizada e científica, qual a *Presença e Significado de Manuel António Pina na Literatura Portuguesa para a Infância e Juventude*. É este o título da monografia que, cumprindo as regras académicas, logo desvenda o tema que se vai estudar, escalpelizar e acerca do qual se esperam algumas conclusões.

Depois de uma breve introdução metodológica, em que a autora explana com clareza e mais profundidade o seu plano de investigação, observam-se alguns breves tópicos sobre os dois eixos teóricos centrais da tese: a competência literária e a intertextualidade. A razão, encontramos-na nas palavras de Sara Reis da Silva: «Em primeiro lugar, a partir da obra de MAP potencialmente recebida pelo leitor infantojuvenil, pretendemos refletir em que medida os processos do cómico e/ou as estratégias semânticas e formais, em particular o nonsense e o absurdo, representam um fator de promoção da competência literária, hábito leitor e educação literária da criança. A segunda questão, que intentamos debater e que será articulada com o primeiro tópico enunciado, reside essencialmente na análise das relações intertextuais, designadamente da sua índole e da sua produtividade (em particular, no que diz respeito às estratégias promotoras de cómico), no âmbito também, como mencionámos, da formação de leitores competentes e autónomos.»

O primeiro capítulo, de cariz contextual, traça uma revisão histórica da LIJ portuguesa até à viragem do milénio, sendo-lhe acrescentado um enquadramento sobre a produção entre 2001 e 2006, com especial enfoque para o aparecimento de novos projetos editoriais e para a significativa expansão do *picture story books*, quer ao nível da tradução, quer ao nível da criação por autores portugueses. Destaca-se igualmente o

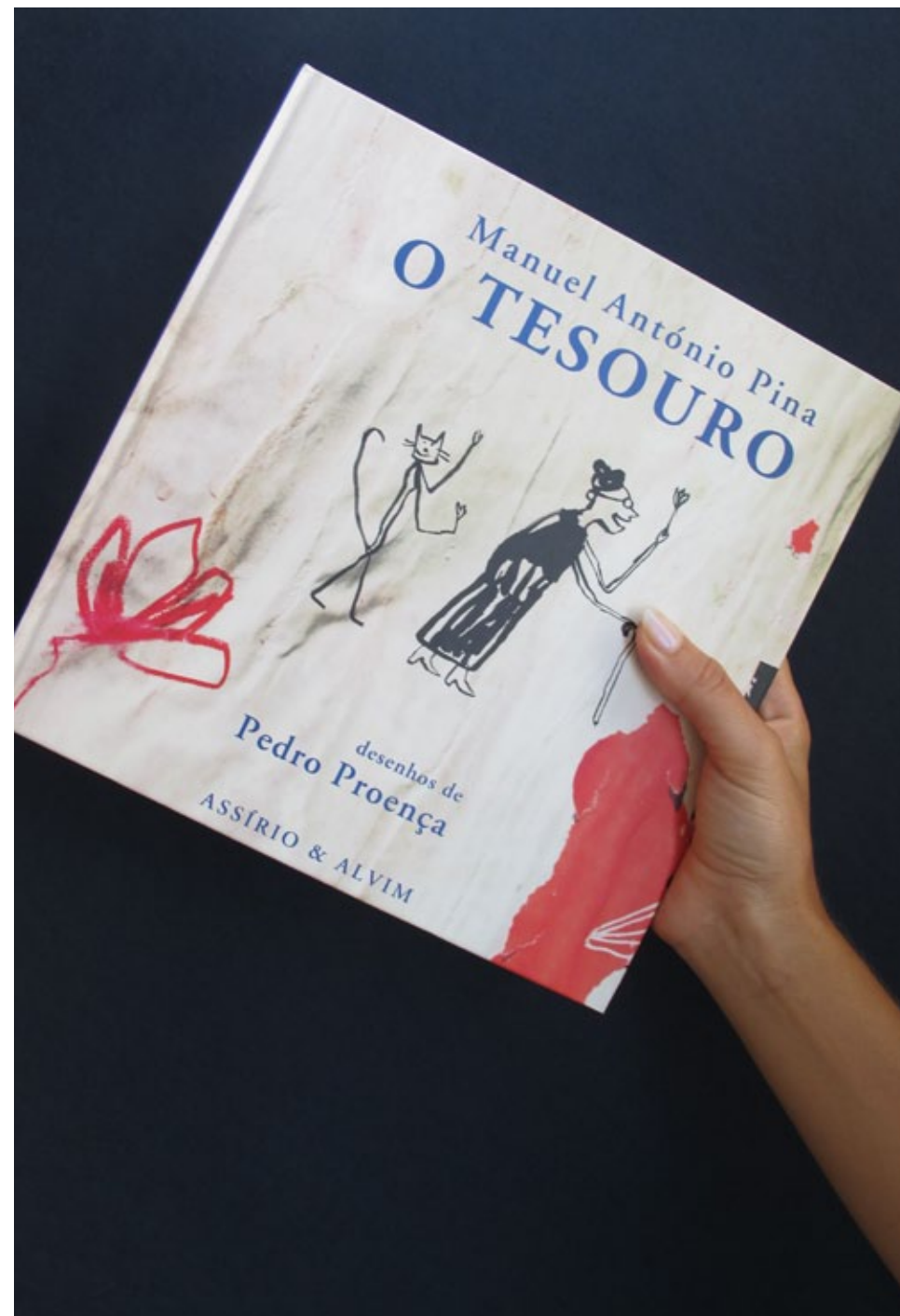


boom que se viveu no panorama da ilustração e que terá contribuído em grande medida para uma alteração de códigos pictóricos e narrativos.

Na segunda parte do volume, dedicada à obra de Manuel António Pina, Sara Reis da Silva analisa intensivamente os textos de receção infantojuvenil do autor, dedicando um capítulo a cada um dos seus vinte livros, entre narrativa e teatro, com pequenas incursões pela poesia. A perspetiva de análise segue a construção humorística, presente ora nas temáticas ora na linguagem, e principalmente na intertextualidade que perpassa entre textos, de forma mais ou menos explícita. É através da intertextualidade, também, que se estabelecem novas linhas de humor, implicando uma leitura mais abrangente não apenas da obra de Pina, como também dos contextos que a cercam.

No final, a investigadora elenca algumas conclusões que respondem positivamente ao papel dos textos literários do escritor na formação de leitores competentes. Não sendo a competência literária em si o objeto desta tese, a autora não se alonga em enquadramentos psicológicos ou pedagógicos. Contudo, faz notar a complexidade de processos a que responde um leitor competente, seja ele uma criança ou um adolescente.

Assim, a importância do alargamento de horizontes pela relação imbricada entre a memória e o onírico, dois eixos paradigmáticos que fundam e abalam sucessiva e simultaneamente a identidade em construção e provocam situações paradoxais, surpreendentes, irónicas e cómicas. A infância, o medo e a imaginação conferem consistência a estes elementos e jogam, precisamente ao nível da competência, com o que o leitor domina e aquilo que desconhece, estabelecendo equilíbrios de leitura. Já ao nível da intertextualidade, especialmente no que concerne a alusões, paródias, citações e adaptações, não é líquido que o pequeno leitor consiga interpretar o texto na sua plenitude, desconhecendo as



fontes originais (que variam entre um vastíssimo universo que vai desde a *Bíblia*, a *Alice no País das Maravilhas* ou à poesia de Alberto Caeiro). No entanto, estes lapsos não invalidam a leitura e consolidam ainda mais a condição de Manuel António Pina enquanto autor dual, que assumidamente escreve sem distinção de estilo, independentemente de quem venham a ser os seus leitores preferenciais.

Esta tese abre novas linhas para a análise de um dos mais originais e relevantes escritores da literatura infantil e juvenil portuguesa, chamando sempre a atenção para questões essenciais quando se pensa este pretenso subgénero ou o seu lugar no cânone da literatura, *tout court*.

A edição de um volume teórico como este, é, por isso, um passo relevante para encurtar esse caminho, que tem tradicionalmente relegado a literatura infantil e juvenil para um gueto a que não pertence.

Sara Reis da Silva
Presença e Significado
de Manuel António Pina
na Literatura Portuguesa
para a Infância e Juventude
Fundação Calouste Gulbenkian/
Fundação para a Ciência e Tecnologia



Maria Keil em Cascais

De propósito – *Maria Keil, obra artística* é uma exposição sobre as quase oito décadas de trabalho da artista portuguesa (1914-2012) que o Museu da Presidência da República apresenta no Palácio da Cidadela, em Cascais, até 17 de outubro. Aqui podem ser vistos, para além de documentos pessoais, pinturas, desenhos, peças de mobiliário e decoração, azulejo, ilustração, trabalhos de publicidade, design gráfico e tapeçarias, enquadrados por breves motes, recolhidos entre múltiplos testemunhos da autora.

Multifacetada tecnicamente, a artista da 2.^a geração modernista portuguesa confere harmonia e contenção à grande maioria dos seus trabalhos. Retrato, paisagem, figurações e transfigurações convivem neste vastíssimo espólio que acolhe cerca de 300 obras agora expostas, muitas delas pela primeira vez.

Na secção destinada à ilustração, apresentam-se diversos estudos, alguns aplicados em obras editadas, outros que ficaram por editar. De entre as mais conhecidas, destacam-se as ilustrações para *O Palhaço Verde* (texto de Matilde Rosa Araújo), *Cançõezinhas da Tila* (texto de Matilde Rosa Araújo), *A Noite de Natal* (texto de Sophia de Mello Breyner Andersen), *A Árvore que dava olhos* (texto de João Paulo Cotrim) ou ainda para *As Três Maças*, *O pau de fileira* e *Árvores de Domingo* com texto da própria Maria Keil.

Na diversidade de estilos e formas, o visitante poderá reconhecer uma identidade que preza a subtilidade da emoção, cujos limites se encontram em jogos cromáticos e cinéticos. A ironia e o humor caminham a par com sentido social e de justiça que sempre a caracterizaram.

in *Litoral*, n.º 4, outubro-novembro 1944



IBBY Compostela: atas disponíveis online

As atas do 32.º Congresso Internacional do Ibbby, realizado em setembro de 2010 em Santiago de Compostela, estão agora disponíveis no site do evento. Podem ser lidas ou descarregadas, em espanhol, inglês e por vezes em galego.

Dedicado à relação das minorias com a leitura, o livro, a edição e o escrito, o Congresso contou com quatro conferências plenárias e diversas mesas redondas. Dentro do magno tema mereceram especial destaque as minorias linguísticas, que se encontram em comunidades étnicas e culturais, entre emigrantes e refugiados. O multilinguismo, como consequência desta realidade cada vez mais transversal e comum que a mobilidade global intensifica, tornou-se também pretexto para se refletir sobre a relação com o escrito e as suas diferenças em relação à oralidade e à tradição oral. Logo na primeira Conferência Plenária, a investigadora Emília Ferreiro discorre sobre todas estas matérias e o processo de alfabetização das crianças. Às minorias de género e aos leitores com necessidades especiais foram dedicadas mesas redondas, com análises de obras literárias e descrição de projetos de promoção da leitura. A ilustração ocupou outra mesa redonda, assim como a promoção da leitura por si só.

Teresa Colomer, Piet Grobler, Teresa Duran, Gita Wolf, Lygia Bojunga ou Michèle Petit são apenas alguns dos nomes presentes.

A cidade do México acolherá o próximo congresso bienal do Ibbby, no verão de 2014 com o tema «A Leitura como Experiência de Inclusão»

O dia em que a #biblioteca foi tão popular como Lady Gaga*

Em 2009, Natália Arroyo, arquivista de Salamanca, fez-se uma pergunta: Quantos *tweets* seriam necessários para que as bibliotecas figurassem como *trending topic* na rede social Twitter? A partir desse momento lançou o desafio à comunidade de utilizadores para que no dia 10 de agosto fossem publicadas entradas com a *hashtag* biblioteca, desafiando-os também a que em cada uma dessas entradas refletissem sobre o papel destes espaços de cultura.

À quinta edição do dia da #biblioteca, através de uma rede que definiu horários diferentes para os utilizadores consoante a sua localização geográfica (Espanha, Portugal, Brasil, México, Chile e outros países sul-americanos), foram mais de 39 milhões de referências com a #biblioteca as que foram publicadas no Twitter, colocando esta *hashtag* na lista dos assuntos mais comentados a nível global.

Para este ano, propunha-se que se debatesse o papel e a importância das bibliotecas públicas, de acesso livre e universal, em tempo de crise. E também aqui a experiência redundou em sucesso. De publicações com os artigos do Manifesto da UNESCO para as bibliotecas públicas a opiniões de bibliotecários, de escritores, jornalistas e leitores, o que a 12 de agosto ficou escrito demonstra que as bibliotecas estão vivas e que a sua defesa, diante de um conjunto de medidas que as tentam enfraquecer, talvez possa ser mais forte.

Resta esperar que experiências como esta tenham sequência no dia a dia de quem constrói, alimenta e visita cada um destes espaços de cultura e cidadania. * Reprodução de um dos *tweets* publicados no dia 12 de agosto.

1ª Biblioteca Infantil Multilingue do Brasil

A Biblioteca Infantojuvenil Multilingue abriu as suas portas ao público no passado dia 10 de agosto, no Centro Universitário de Belas Artes, de São Paulo. O projeto nasceu pela mão da jornalista Duda Porto de Souza em 2009. O espaço, com uma dimensão de 300 m² alberga para já 11 mil títulos, em línguas tão diversas como o português, o japonês, o inglês, o alemão, o francês ou o espanhol. Grande parte do acervo foi doado pela jornalista e pertence à sua biblioteca pessoal de infância. Os restantes volumes têm vindo a ser adquiridos junto de consulados estrangeiros e editoras, assim como através de doações particulares, nomeadamente de artistas e escritores.

Ali se pode encontrar, por exemplo, uma versão francesa de *Caracalinhos de Ouro* e os *Três Ursos*, uma edição ilustrada de *Moomin*, ou *The Colouring Book* de Hervé Tullet.

Para além de álbuns, livros em pop up, clássicos universais como *O Príncipezinho*, banda-desenhada ou novelas juvenis, a Biblioteca oferece igualmente dvds e revistas. O espaço está pensado para os mais novos, com mobiliário à sua altura e brinquedos que lhes dão ainda mais vivacidade.

Espera-se com este projeto trazer mais crianças e jovens para a leitura, pelo que a Biblioteca terá uma programação regular, com horas do conto e *workshops*.



The Colouring Book de Hervé Tullet

rubberm e José cronistas

Ricardo Viel

José Saramago

A Saramaguiana de agosto abre as suas páginas à crónica, «uma das mais completas e acabadas expressões literárias», com um texto que junta o autor desta citação, José Saramago, ao cronista brasileiro Rubem Braga, quando se comemora o centenário do seu nascimento. Mas agosto na Saramaguiana é também mês da segunda parte do texto de José Saramago sobre Lisboa, retirado de Viagem a Portugal, e aqui acompanhado de imagens da cidade, captadas a partir do recém-inaugurado Miradouro do Arco da Rua Augusta.

● cronista José Saramago

José Saramago costumava dizer, não em tom de queixa, mas de constatação, que as coisas em sua vida tinham, de modo geral, acontecido tarde. Falava de acontecimentos da vida pessoal, como ter conhecido a companheira Pilar del Ríó quando já passava dos 60 anos, mas também de questões profissionais. Embora tivesse escrito alguns livros antes, foi só depois do meio século de vida que tornou-se de fato (ou assumiu-se) escritor. No entanto, antes desse tempo e talvez sem o saber, José preparou a chegada de Saramago. A prática da crônica, exercitada pelo escritor durante vários anos entre as décadas de 60 e 70, foi uma escola preparatória. Serviu, ainda que não de forma planejada – como dizia ele –, como ponte para o a escritura dos romances.

Mais do que simples – que de simples nada tem – prática da escritura em si, a confecção de crônicas trouxe para Saramago ferramentas para a construção da ficção. «Romances para os quais a crônica foi insciente aprendizagem, que sem ela não teriam existido, ou teriam existido de outra maneira, para nós inimaginável», aponta o escritor no texto «A crônica como aprendizagem: uma experiência pessoal» – leia abaixo (texto que integra a exposição *José Saramago. A semente e os frutos*, patente na Casa dos Bicos).

Vista por muitos como um gênero menor – ou meio caminho entre jornalismo e literatura –, a crônica é um raro espaço de liberdade de tema e estilo dentro da plataforma dos jornais e revistas. Requer do cronista um olhar apurado e diferente de situações cotidianas, e exige sensibilidade e lirismo. «Em geral, a um texto curto, consequência quer de uma inspiração imediata e não necessariamente aprofundada quer de um diálogo deliberado com o quotidiano ocasional, mas sempre exigindo do escritor, num caso como no outro, capacidade de medida e de concentração, a par de sensibilidade a estímulos que à primeira impressão poderão

parecer de pouca relevância, mas que virão a ser, porventura, os que mais fundo hão-de penetrar no espírito do leitor», apontou Saramago ao definir a crônica.

Esse ambiente intimista instiga o cronista a um diálogo pessoal com seu leitor. É o que acontece em *Deste Mundo e do Outro*, livro (inédito no Brasil) que reúne crônicas publicadas por Saramago nos anos de 1968 e 1969 no jornal *A Capital*. Ali, o escritor traz temas que décadas depois viriam a aparecer em seus livros e dialoga com seus leitores sobre questões universais como o tempo, a história, a morte e a solidão. A cidade de Lisboa, que posteriormente iria ser cenário de algumas de suas histórias, aparece continuamente nas crônicas. «Lisboa dorme. Dorme profundamente. Todas estas janelas fechadas protegem a escuridão das casas. E lá dentro estão as mulheres e os homens desta cidade, mais as personagens vagas dos sonhos e dos pesadelos. Por sobre os telhados faz-se uma grande permuta de figuras e imagens. Lisboa é uma rede de transmigrações. Ninguém está seguro dentro do seu corpo», escreve na crônica «Três horas da madrugada».

Das crônicas de Saramago se pode adivinhar – agora fica fácil, já tudo foi escrito – personagens e história, relatos e metáforas que aparecerão em seus futuros e consagrados romances. Nos breves textos estão recordações de pessoas comuns como um amigo sapateiro, o amolador de tesouras que invadia a rua de sua infância e os avôs camponeses. «Por que te sentas tu na soleira da tua porta, aberta para a noite estrelada e imensa, para o céu de que nada sabes e por onde nunca viajarás, para o silêncio dos campos e das árvores assombradas, e dizes, com a tranquila serenidade dos teus noventa anos e o fogo da tua adolescência nunca perdida: ‘O mundo é tão bonito, e eu tenho tanta pena de morrer!’. É isso que eu não entendo – mas a culpa não é tua», escreve Saramago ao recordar a avó.

Nesses textos, o escritor demonstra o que viria depois a defender na conferência já citada: «A crônica não só tem lugar na literatura como é, em muitos casos, uma das suas mais completas e acabadas expressões.»

José Saramago

Algumas vezes, nestes acasos da escrita e de reflexão sobre ela, me tenho interrogado sobre a relação que haja entre o saber e os seus repositórios enciclopédicos e dicionarísticos. Refiro-me àquilo a que costumamos chamar "saber comum", não aos grandes tomos que, pela sua complexidade e extensão, reclamam um tipo de tratamento informativo que pressupõe, por sua vez, da parte do leitor, um conhecimento básico relativamente desenvolvido. Não se passam assim as coisas com o "saber comum", em geral recolhido nessas obras de consulta de um modo que diríamos indiferente, não crítico, ao ponto de se tornar legítimo duvidar, afinal, se é para informar segundo critérios científicos que certas enciclopédias existem ou para instalar opiniões e juízos sumários nos espíritos curiosos que a elas recorrem.

Estas palavras de abertura, que seguramente comportam algum exagero e não pouca injustiça, ocorrem-me com toda a naturalidade a propósito do tema que aqui nos reuniu: "A crónica como género literário". É que, a acreditar na informação recebida agora mesmo de uma das enciclopédias com que me tenho ajudado para orientar-me neste vasto mundo, a crónica de que aqui falamos não pode ser classificada de género, porquanto não passa de um subgénero, e muito menos terá cabimento na literatura, sendo, como se afirma também, mero jornalismo e mera quotidianidade. Exceptua-se da redutora definição, claro está, a outra crónica, aquela, antiga, dos reinados, das dinastias e das instituições, durante muito tempo simples registo de acontecimentos, em anais e décadas, e, no caso português, a partir do século XV, acedendo, com Fernão Lopes, a um nível literário superior. Porém, a realidade é sempre mais forte do que as definições com que pretendemos discipliná-la, e este Encontro, embora pecando por uma aparente adesão aos critérios judicativos da enciclopédia (a ninguém ocorreria, por exemplo, propor a debate o tema "O romance como género literário"), virá homologar, sem dúvida, o que a mesma realidade nos mostra todos os dias e em todos os lugares do mundo: que a crónica, não só tem o seu lugar na literatura, como é, em muitos casos, uma das suas mais completas e acabadas expressões.

Buscando uma definição mais adequada e simultaneamente mais ampla e específica da crónica, diríamos que ela corresponde, em geral, a um texto curto, consequência quer de uma inspiração imediata e não necessariamente aprofundada, quer de um diálogo deliberado com o quotidiano ocasional, mas sempre exigindo do escritor, num caso como no outro, capacidade de medida e de concentração, a par de sensibilidade a estímulos que à primeira impressão poderão parecer de pouca relevância, mas que virão a ser, porventura, os que mais fundo hão-de penetrar no espírito do leitor. Dentro de um molde tão flexível, escusado seria dizer, cabem todos os diversos modos e tons pelos quais se exprimam habitualmente os cronistas do nosso planeta, desde o lírico ao patético, desde o sério ao irónico, desde a mais rigorosa preocupação objectivista ao abandono às subjectividades

mais íntimas. E, quicá tanto quanto o poema, a crónica será o género literário em que mais produtivamente é possível criar uma atmosfera propícia ao que denominariamos, na falta doutra expressão mais rigorosa, a sempre activa tentação confessional do autor.

Feitas estas considerações gerais, evidentemente desprovidas de qualquer pretensão de originalidade, porém necessárias como introdução à abordagem pessoal do tema, a que estamos obrigados pelo próprio título desta comunicação - "A crónica como aprendizagem: uma experiência pessoal" -, e não obstante a dificuldade intransponível que representa o facto de nos referirmos a textos desconhecidos de quem nos escuta, é a altura de declarar que a nossa prática da crónica, exercida grosso modo ao longo de cinco anos, entre 1968 e 1972, veio a demonstrar-se factor decisivo na definição de uma das nossas actividades subsequentes - a de romancista. Seria tentador, mas sem dúvida especioso, imaginar agora que romances poderíamos haver escrito se durante todo aquele tempo não tivéssemos, regularmente, às vezes em dias sucessivos, composto, nas poucas folhas de papel convencionadas, um pequeno enredo, um comentário, uma reflexão, reconstituindo memórias, procurando o sentido último de um acontecimento, ou, para tudo resumir em três acções concomitantes, fixando o tempo, situando o sujeito, recriando a palavra. Porém, já sabemos que o único itinerário permitido é aquele que parte do que foi para o que veio a ser: a viagem para o que poderia ter sido é impossível. Com excepções, como veremos adiante...

É pois verdade que, interrogados sobre o significado e a importância que essas crónicas tiveram no nosso trabalho de romancista, mais de uma vez respondemos: "Tudo o que está nos romances pode ser encontrado nas crónicas." E à pergunta, ingénuas mas inevitável, de se ao escrever aqueles textos breves nos estávamos preparando, conscientemente, para o romance, a única resposta honesta que podíamos dar, e temos dado, foi a de que, então, nos encontrávamos tão longe da simples ideia de um dia, víamos a escrever histórias de trezentas ou quatrocentas páginas, como longe da Terra está hoje a sonda "Voyager". De todo o modo, os factos estão à vista: entre a primeira linha da primeira crónica e a última linha do último romance, parece ser discernível um fio contínuo ligando tudo, ao mesmo tempo que se identifica uma lógica condutora que em tudo reconhece um sentido.

Vários pontos, nessas crónicas, poderão ser retidos se se quiser caracterizar, no seu autor, tanta uma forma de escrever como um modo de sentir: em primeiro lugar, certa coincidência de atitude entre a crónica e o poema lírico (articulação com o momento presente, brevidade do texto, possibilidade de captação das ressonâncias evocativas do seu sentido); em segundo lugar, a prática constante de uma prosa medida, susceptível de criar no escritor um treino dos recursos estilísticos em função da densidade e da economia expressivas; em terceiro lugar, o hábito de colocar em conjugação de interesses a dinâmica do tempo que se vive, a sensibilidade do sujeito que o vive e as potencialidades verbais susceptíveis de definirem essa mesma expressão.

É a partir destes pontos, por assim dizer fundadores, que se vão orientar as manifestações mais explícitas da actividade do cronista, não só no que diz respeito à temática: a relação

identidade/alteridade, a articulação entre o homem e a terra, o projecto humano e a sua transposição ou transcendência, a concepção do "homo viator" e a sua incidência temporal; não só também no que diz respeito à constelação de motivos preferenciais ou tendenciais que preenchem essa temática: a água, a embarcação, a estrela, o silêncio, a pedra, o rumor - mas também nas atitudes dominantes: um cepticismo radical, no limite do desengano, mas apesar de tudo permeável à esperança; uma frase que se quer tensa, mas que não se fecha à irrupção lírica; uma mordacidade que não exclui a ternura, uma ironia quase sempre cúmplice dessa outra que o cronista dirige contra si mesmo.

Diversíssimas foram as áreas cobertas por estas crónicas, dependentes das naturais sugestões do quotidiano e da vida interior, mas também, não o esqueçamos, condicionadas na sua comunicação essencial e formal por uma situação de censura, de diminuição da liberdade de expressão. É a partir dessa múltipla teia de factores, ora restritivos, ora estimulantes, que se articulam, adicionam e potencializam as áreas de observação e de evocação que, numa derradeira análise, definem esses textos. Neles tem lugar a actualidade (parte-se por vezes duma notícia de jornal), a memória (regressa-se à infância, suas marcas, suas recordações, suas nostalgias), o ambiente (evoca-se a cidade, outras cidades conhecidas, o campo, os vários tipos de ruralidade), a tipologia humana (o amola-tesouras, o sapateiro, o cego do harmónio, os frequentadores de café, etc.), a sugestão frásica e vocabular (um verso, uma frase), a cultura (domínios da arte, vultos de escritores, leituras, etc.), e, finalmente, certas efabulações de tipo onírico, maravilhoso ou fantástico que mais tarde virão a concretizar-se na obra ficcional do cronista.

Do ponto de vista estrutural, parece possível identificar quase sempre nestes textos a presença de duas partes distintas: uma primeira parte de tratamento genérico do tema, sucedendo-se a sua especificação parcelar - sendo esta divisão submetida a variantes, que podem revestir as seguintes formas: enunciado de um tema/derivação para um tema afim; enunciado de um tema/derivação para um tema contrário ou contraditório; narração de um caso, ou fábula, ou história/considerações moralizantes (ou por ordem inversa); e outras. Quase sempre a arquitectura discursiva se bipolariza, mantendo como resultado uma tensão ideológica, ou a sua conversão através da ironia ou da conclusão (ou abertura) claramente moralizante. Esta contrução dual do texto aponta igualmente para uma oscilação de soluções, para um compromisso incómodo, para a necessidade de escolha, e outras atitudes humanas definidas pela tensão, pela incerteza, ou mesmo pela incompatibilidade.

Chegado a esta altura da nossa exposição, eis que nos enfrentamos com a já mencionada dificuldade (se impossibilidade não é a palavra mais exacta) de falar de obras que são desconhecidas da grande maioria dos que nos escutam. Referimo-nos, precisamente, a esses romances para os quais a crónica foi insciente aprendizagem, que sem ela não teriam existido, ou teriam existido de outra maneira, para nós inimaginável. No entanto, cremos ser possível tornar evidente a todos vós essa espécie de indirecta relação de causa e efeito, se pusermos em paralelo o que antes apontámos (oscilação de soluções, compromisso incómodo, necessidade de escolha, tensão,

incerteza, incompatibilidade) e os temas de dois ou três dos nossos romances, escritos nos anos mais recentes.

Vejamos, por exemplo, "O Ano da Morte de Ricardo Reis", cujo protagonista é aquele heterónimo de Fernando Pessoa que tem o mesmo nome, e que fomos buscar ao imaginário exílio no Rio de Janeiro para o fazer regressar a Portugal depois da morte do seu criador, em 1935, e mostrar-lhe, a ele que um dia escrevera: "Sábio é o que se contenta com o espectáculo do mundo" - mostrar-lhe esse mundo nas vésperas dos anos trágicos, ao mesmo tempo que fazíamos ressuscitar, não em fantasma, mas em corpo carnal e em espírito lúcido, o próprio Fernando Pessoa, para um impossível diálogo entre o que já não existe (Fernando Pessoa) e o que não existira nunca (Ricardo Reis).

Vejamos igualmente "História do Cerco de Lisboa", um falso romance histórico, situado duplamente nos nossos dias e no século XII, e no qual simultaneamente se reconstituem e negam as circunstâncias de uma batalha e de uma conquista - a de Lisboa, no ano de 1147, quando, com o auxílio de cruzados que navegavam para a Terra Santa, os portugueses tomaram a cidade, depois de um assédio de cinco meses. O protagonista, um revisor de imprensa, ao fazer a correcção tipográfica de um livro que igualmente se intitula "História do Cerco de Lisboa" e que é obra de um historiador, introduz uma verdade histórica e passando o livro a dizer invertendo assim a verdade histórica e portugueses a cercar e tomar que os cruzados não ajudaram os portugueses a cercar e tomar Lisboa. No lugar do sim o não, no lugar do não o talvez.

E finalmente "A Jangada de Pedra", essa Península Ibérica que se separa da Europa e sobre as águas do Atlântico voga para o Sul, a caminho do sonho ainda possível, de um novo encontro com a história, de uma esperança e de um projecto para um humanismo recuperado. Sim, não, talvez...

Deveria terminar pedindo desculpa de ter ocupado tanto do vosso tempo, e mais ainda por havê-lo ocupado tão egoistamente, falando de mim e do que tenho escrito. Mas o aviso estava feito desde o princípio: uma experiência pessoal. Deixo-vo-la por aquilo que valha: sim, não, talvez...

Ricardo Viel

Rubem Braga, cronista para sempre

Fotografias de Vitor Nogueira

Dizia Armando Nogueira que mais difícil do que fazer mil gols, como Pelé, era fazer um gol como os que Pelé fazia. Tal máxima pode ser aplicada ao cronista Rubem Braga, que dedicou quase sessenta anos à escrever crônicas. Foram cerca de 15 mil, e de uma qualidade impressionante. Manuel Bandeira costumava dizer que Braga era sempre bom, mas que quando não tinha assunto era ainda melhor. Foi a capacidade de tornar belo e poético qualquer sucesso cotidiano que fez do «Velho Braga», como auto apelidou-se ainda jovem, o maior cronista do Brasil depois de Machado de Assis. Contou em seus textos o simples e da maneira mais singela. Citava como espelho um texto de Camões, que para ele era dos mais belos da língua portuguesa e, ao mesmo tempo, estava escrito com as palavras mais corriqueiras: «A grande dor das coisas que passaram». A melancolia e uma tristeza doce, serena, era uma das marcas de seus textos, que também estavam temperados de uma ironia inofensiva. Em uma de suas crônicas mais famosas, Rubem Braga contou a travessura de um passarinho que roubou a medalha de um conde. «A minha vida sempre foi orientada pelo fato de eu não pretender ser Conde», escreveu. Os amigos o recordam como um homem reservado, de pouco sorrir e que prezava muito as amizades. «Sou um homem quieto, o que eu gosto é ficar num banco sentado, entre moitas, calado, anoitecendo devagar, meio triste, lembrando umas coisas, umas coisas que nem valiam a pena lembrar», anotou certa vez.





Ricardo Viel Rubem Braga, cronista para sempre

Nascido em 1913, em Cachoeiro do Itapemirim, no Espírito Santo, Rubem Braga morreu aos 77 anos a causa de um câncer. Antes, encomendou e deixou pago seu enterro e fez uma festa de despedida em sua mítica cobertura em Ipanema, onde cultivava o frondoso jardim que lhe rendeu o apelido de «o fazendeiro do ar».

Neste ano de 2013, por conta do centenário de seu nascimento, foram reeditados livros de e sobre o cronista, além da realização de exposições e homenagens. Numa época de instantaneidade e fugacidade como a que passamos, o espaço da crônica parece ser um oásis do tempo, e a recuperação de textos de cronistas como Rubem Braga, João do Rio e outros mestres da crônica é uma notícia a ser comemorada.

Se para muitos escritores a crônica serviu de preparação para o romance, para Rubem Braga ela era o mais alto degrau, era fim em si mesmo. Nunca escreveu romances simplesmente porque dizia não ter aptidão para inventar histórias, mas sim para contá-las. «Há homens que são escritores e fazem livros que são verdadeiras casas, e ficam. Mas o cronista de jornal é como cigano que toda noite arma sua tenda e pela manhã a desmancha, e vai», escreveu em uma crônica. E assim, errante e humilde, o «velho Braga» conseguiu entrar para o grupo dos grandes nomes da literatura brasileira.

➔ **Rubem Braga**

José Saramago

Dizem que é coisa boa

Fotografias de Sérgio Machado Letria

Está bom tempo em Lisboa. Por esta rua se desce ao jardim de Santos-o-Velho, onde uma contrafeita estátua de Ramalho Ortigão se apaga entre as verduras. O rio esconde-se por trás duma fiada de barracões, mas adivinha-se. E depois do Cais do Sodré desafoga-se completamente para merecer o Terreiro do Paço. É uma belíssima praça de que nunca soubemos bem o que havíamos de fazer. De repartições e gabinetes de governo já pouco resta, estes casarões pombalinos adaptam-se mal às novas concepções dos paraísos burocráticos. E quanto ao terreiro, ora parque de automóveis, ora deserto lunar, faltam-lhe sombras, resguardos, focos que atraíam o encontro e a conversa. Praça real, ali ao canto foi morto um rei, mas o povo não a tomou para si, excepto em momentos de exaltação política, sempre de curta dura. O Terreiro do Paço continua a ser propriedade do D. José. Um dos mais apagados reis que em Portugal reinaram olha, em estátua, um rio de que nunca deve ter gostado e que é maior do que ele.

O viajante sobe por uma destas ruas comerciais, com lojas em todas as portas, e bancos que lojas são, e vai imaginando que Lisboa haveria neste lugar se não tem vindo o terramoto. Urbanisticamente, que foi que se perdeu? Que foi que se ganhou? Perdeu-se um centro histórico, ganhou-se outro que, por força do tempo passado, histórico se tornaria. Não vale a pena discutir com terramotos nem averiguar que cor tinha a vaca de que foi mungido o leite que se entornou, mas o viajante, em seu pensar vago, considera que a reconstrução pombalina foi um violento corte cultural de que a cidade não se restabeleceu e que tem continuidade



José Saramago Dizem que é coisa boa

na confusa arquitectura que em marés desajustadas se derramou pelo espaço urbano. O viajante não anseia por casas medievais ou ressurgências manuelinas. Verifica que essas e outras ressuscitações só foram e são possíveis graças ao traumatismo violento provocado pelo terramoto. Não caíram apenas casas e igrejas. Quebrou-se uma ligação cultural entre a cidade e o povo dela.

Defende-se o Rossio melhor. Lugar confluyente e defluyente, não se abre francamente à circulação, mas precisamente é isso que retém os passantes. O viajante compra um cravo nas floristas do lago e, virando costas ao teatro a que se recusa o nome de Almeida Garrett, sobe e desce a Rua da Madalena para ir à Sé. No caminho assustou-se com a ciclópica estátua equestre de D. João I que está na Praça da Figueira, exemplo acabado de um equívoco plástico que só raramente soubemos resolver: há quase sempre cavalo a mais e homem a menos. Machado de Castro explicou lá em baixo, no Terreiro do Paço, como se faz, mas raros o entenderam.

À Sé pouco lhe faltou para não sobreviver às remendagens dos séculos XVII e XVIII, subsequentes ao terramoto umas, sem tento nem gosto todas. Reabilitou-se felizmente a frontaria, agora de bela dignidade no seu estilo militar acastelado. Não é certamente o mais belo templo que em Portugal existe, mas o adjectivo cobre sem nenhum favor o deambulatório e as capelas absidiais, magnífico conjunto para que não se encontra fácil paralelo. Também a capela de Bartolomeu Joanes, em gótico francês, merece atenção. E há que referir o trifório, arcaria tão harmoniosa que se ficam os olhos nela. E se o visitante padece do mal romântico, aí tem o túmulo da Princesa Desconhecida, comovente até à lágrima. Admiráveis são também os túmulos de Lopo Fernandes Pacheco e de sua segunda mulher, Maria Vilalobos.

José Saramago Dizem que é coisa boa

Até agora não falou o viajante do castelo dito de S. Jorge. Visto cá de baixo a vegetação quase o esconde. Fortaleza de tantas e tão remotas lutas, desde romanos, visigodos e mouros, hoje mais parece um parque. O viajante duvida se o preferiria assim. Tem na memória a grandeza de Marialva e de Monsanto, formidáveis ruínas, e aqui, apesar dos restauros, que num princípio reintegrariam a fortaleza na sua recordação castrense, acaba por ter significado maior o pavão branco que se passeia, o cisne que voga no fosso.

O miradouro faz esquecer o castelo. Nem parece que naquela porta morreu entalado Martim Moniz. É sempre assim: sacrifica-se um homem pelo jardim dos outros.

Nem tem o viajante mostrado grande afeição pela arte setecentista, cujo maior florão é o chamado ciclo joanino, abundante em talha e grande importador de produções italianas, como em Mafra se viu. Logo parece pouco imaginativo, salvo se refinada lisonja for, beneficiar com nomes reais estilos artísticos em que os ditos reis não puseram dedo: têm os britânicos o isabelino ou o vitoriano, temos nós o manuelino e o joanino, só para dar estes exemplos. Mostra isto que os povos, ou quem por eles fala, ainda não se resolveram a passar sem pai e mãe, muito putativos neste caso. Mas, enfim, tinham os reis autoridade e o poder de dispor dos dinheiros populares, e por via desta obsessão de paternidades temos de agradecer a D. João V, contente pelo nascimento do herdeiro, a construção da Igreja do Menino-Deus. Crê-se ser a planta do edifício do arquitecto João Antunes, homem nada peço na sua arte, como se pode concluir olhando este magnífico edifício. Não podia cá faltar o gosto italiano, que em todo o caso não apagou o sabor da terra, patente na feliz introdução dos azulejos. A igreja, com a sua nave octogonal, é de um equilíbrio perfeito. Mas



o viajante, quando tiver tempo, há-de averiguar por que se deu a este templo o nada vulgar nome de Menino-Deus: desconfia que andou aqui imposição de Sua Majestade, ligando subliminalmente a consagração da igreja ao filho que nascera. D. João V, pela sua conhecida mania das grandezas, era homem para isso.



viajante ainda não descerá a Alfama. Primeiro tem aqui a Igreja e o Mosteiro de São Vicente de Fora, construídos, é o que diz a tradição, em terras onde acamparam os cruzados alemães e flamengos que deram a D. Afonso Henriques a mão necessária para conquistar Lisboa. Do mosteiro então mandado construir pelo nosso primeiro rei não restam vestígios: o edifício foi arrasado no tempo de Filipe II, e em seu lugar levantado este. É uma imponente máquina arquitectónica, pautada por uma certa frieza de desenho, muito comum no maneirismo. Acusa no entanto uma personalidade clara ainda que discreta na frontaria. O interior é vasto, majestático, rico em mosaicos e mármore, e

o altar barroco que D. João V encomendou de grande aparato, com as suas fortíssimas colunas e as grandes imagens de santos. Mas em São Vicente de Fora devem ver-se sobretudo os painéis de azulejos da portaria, particularmente os que representam a tomada de Lisboa e a tomada de Santarém, convencionais na distribuição das figuras mas cheios de movimento. Outros azulejos, em silhares figurativos, decoram os claustros. O conjunto vem a ser algo frio, conventual naquele sentido que o século XVIII definiu e para sempre a ele ficou ligado. O viajante não recusa méritos a São Vicente de Fora, porém não sente comover-se uma só fibra do corpo e do espírito. Será culpa sua, talvez, ou está comprometido com outras e mais rudes vibrações.

José Saramago Dizem que é coisa boa

Agora é que o viajante vai a Alfama, disposto a perder-se na segunda esquina e decidido a não perguntar o caminho. É a melhor maneira de conhecer o bairro. Há risco de falhar qualquer dos lugares selectos (a casa da Rua dos Cegos, a casa do Menino de Deus, ou a do Largo Rodrigues de Freitas, a Calçadinha de São Miguel, a Rua da Regueira, o Beco das Cruzes, etc.), mas, andando muito, acabará por lá passar e entretanto ganhou encontrar-se mil e uma vezes com o inesperado.



Alfama é um animal mitológico. Pretexto para sentimentalismos de várias cores, sardinha que muitos têm querido puxar à sua brasa, não barra caminhos a quem lá entra, mas o viajante sente que o acompanham irónicos olhares. Não são os rostos sérios e fechados do Barredo. Alfama está mais habituada à vida cosmopolita, entra no jogo se daí tira alguma vantagem, mas no segredo das suas casas deve rir-se muito de quem a julga conhecer por lá ter ido numa noite de Santo António ou comer arroz de cabidela. O viajante segue pelos torcidos becos, este em cujas casas de um e outro lado quase os ombros tocam, e lá em cima o céu é uma frincha entre beirais que um palmo mal separa, ou por estes inclinados largos cujos desníveis dois ou três lanços de degraus ajudam a vencer, e vê que não faltam flores nas janelas, gaiolas e canários dentro, mas o mau cheiro dos esgotos que na rua se sente há-de sentir-se ainda mais dentro das casas, algumas onde o sol não entrou nunca, e estas ao nível do chão só têm por janela o postigo aberto na porta. O viajante tem visto muito de mundo e vida, e nunca gostou de achar-se na pele do turista que vai, olha, faz que entende, tira fotografias e regressa à sua terra a dizer que conhece Alfama. Este viajante deve ser honesto. Foi a Alfama, mas não sabe o que Alfama



José Saramago Dizem que é coisa boa

é. Contudo, não pára de dar voltas, de subir e descer, e quando enfim se acha no Largo do Chafariz de Dentro, depois de se ter perdido algumas vezes como decidira, vem-lhe a vontade de penetrar outra vez nas sombrias travessas, nos becos inquietantes, nas escadas de quebra-costas, e ficar por lá enquanto não aprender ao menos as primeiras palavras deste discurso imenso de casas, de pessoas, de histórias, de risos e inevitáveis choros. Animal mitológico por conta alheia, Alfama vive à sua própria e difícil conta. Tem horas de bicho saudável, tem outras em que se deita a um canto para lamber as feridas que séculos de pobreza lhe abriram na carne e este não encontra maneira de curar. E ainda assim estas casas têm telhado. Por esses arrabaldes não se fecharam os olhos do viajante a lugares de habitar que dispensam telhado porque não chegam a ser casas.

Adiante é o Museu Militar com o seu recheio de glórias, bandeiras e canhões. É sítio para ver com muita atenção, com espírito arguto, para procurar e encontrar o civil que em tudo está, no bronze do esmerilho, no aço da baioneta, na seda do estandarte, no pano grosso da farda. O viajante cultiva a original ideia de que todo o civil pode ser militar, mas que já é muito difícil a qualquer militar ser civil. Há desentendimentos que têm precisamente aqui a sua raiz. Daninha raiz, acrescente-se.

Este lado da cidade não tem beleza. O viajante não se refere ao rio, que nesse, mesmo desfeado de barracões, sempre encontra um raio de Sol para receber e devolver ao céu, mas sim aos prédios, os antigos que são como muros com janelas, os novos que parecem copiados de sonhos psiquiátricos. Vale ao viajante levar a promessa do Convento da Madre de Deus. Visto por fora é um enorme paredão com uma porta manuelina ao cimo de meia dúzia de degraus. Convém

José Saramago Dizem que é coisa boa

saber que esta porta é falsa. Trata-se de um curioso caso em que a arte copiou a arte para recuperar a realidade, sem querer saber se fora a realidade que a arte copiada copiara. Parece o enunciado de uma charada ou um trava-línguas, mas é a pura verdade. Quando em 1872 se tentou a reconstituição da fachada manuelina do Convento da Madre de Deus, o arquitecto foi ao *Retábulo de Santa Auta* que está no Museu de Arte Antiga e copiou, traço por traço, apenas o tornando mais alongado, o portal por onde vai entrando a procissão que transporta o relicário. Achou João Maria Nepomuceno que a ideia era tão boa como a do ovo de Colombo, e talvez fosse. Afinal, para reconstruir Varsóvia devastada pela guerra recorreu-se a pinturas do setecentista veneziano Bernardo Bellotto que naquela cidade estanciou. Foi Nepomuceno precursor, e tolo seria se não aproveitasse a abonação documental que tinha à mão. Mas boa figura de tolos fazemos todos nós, se afinal não era assim o portal da Madre de Deus.

Embora os elementos de decoração que enriquecem tanto a igreja como o coro alto e a sacristia sejam de diferentes épocas (desde o século XVI ao século XVIII), a impressão que se experimenta é de grande unidade de estilos. É provável que essa impressão de unidade provenha, em parte, do esplendor dourado que tudo envolve, mas seria mais exacto admitir que é, preferentemente, obra da alta qualidade artística do conjunto. A generosidade da iluminação, que não deixa adormecido nenhum relevo nem apagado nenhum tom, contribuiu para o sentimento eufórico que o visitante experimenta. O viajante, que tanto tem murmurado contra certos desmandos de talha dourada quando afogam as arquitecturas, descobre-se aqui rendido até ao *rocaille* da sacristia, sem dúvida um dos mais perfeitos exemplos de certo espírito religioso a que, precisamente, costumamos chamar



José Saramago Dizem que é coisa boa

de sacristia. Por muito que as paredes se revistam de pias imagens, o apelo sensual do mundo carrega as molduras e os retábulos de conchas, feixes de plumas, palmas, volutas entrelaçadas, grinaldas, festões floridos. Para exprimir o divino cobre-se tudo de ouro, mas a vida exterior dilata a decoração até à turgescência.



coro alto é um escrínio, um relicário. Para exprimir o inexprimível, o entalhador emprega todas as receitas do estilo. O visitante perde-se na profusão das formas, desiste de utilizar analiticamente os olhos e conforma-se com a impressão global, que não é síntese, de um aturdimento dos sentidos. Apetece ao viajante sentar-se no cadeiral para recuperar a sensação simples da madeira lisa, que o trabalho modelador do ebanista não bastou para eliminar.

Qué buenas estrellas estarán cubriendo los cielos de Lanzarote?

José Saramago, Cuadernos de Lanzarote

A Casa José Saramago

Abierto de lunes a sábado de 10,00 a 14,00 h. Última visita a las 13,30 h.
(Open from monday to saturday, from 10 to 14 h. Last entrance at 13.30 h.)

Tías-Lanzarote – Islas Canarias (Canary Islands)

www.acasajosesaramago.com



11^A 15 SET MOTEL X – FESTIVAL IN- TERNACIONAL DE CINEMA DE TERROR DE LISBOA

7ª edição do festival de cinema de terror de Lisboa, uma organização do CTLX – Cineclube de Terror de Lisboa, com a presença do realizador japonês Hideo Nakata. Cinema São Jorge, Lisboa.

➔ **Motel**



Hideo Nakata

ATÉ 15 SET MITOLOGIAS POR PROCURAÇÃO

Exposição de 40 obras do acervo do MAM-SP escolhidas por um grupo de artistas brasileiros ligado à exposição Mitologias, que a Cité Internationale des Arts, em Paris, mostrou em 2011. Museu de Arte Moderna, São Paulo.

➔ **Mitologias**



Autorretrato de Flávio de Carvalho

2 SET GRANDES ESCRITORES NA PRIMEIRA PESSOA

O escritor uruguaio Mario Benedetti é o convidado da próxima sessão dos Grandes Escritores na Primeira Pessoa. Casa da América Latina, Lisboa.

➔ **Benedetti**



ATÉ 1 SET MUJER. LA VANGUARDIA FEMINISTA DE LOS AÑOS 70

Exposição que reúne trabalhos de vinte e uma artistas provenientes da colecção Sammlung Verbund, de Viena. Circulo de Bellas Artes, Madrid.

➔ **Mujer**



19^A 25 AGO ANDANÇAS

Festival anual de música e dança populares que promove a aprendizagem, o intercâmbio de experiências e o retomar de hábitos como os bailes populares. Barragem de Póvoa e Meadas, Castelo de Vide.

➔ **Andanças**

Nação Vira Lata



**ATÉ
8 SET
CANTOS
CUENTOS CO-
LOMBIANOS**

Exposição panorâmica da arte colombiana contemporânea, com instalações, vídeos, fotografias, objetos, performances e obras acústicas. Casa Daros, Rio de Janeiro.

⇒ **Colombianos**



**ATÉ
14 SET
TARDOS E
PIOPARDOS**

Exposição de ilustração da dupla Andy Calabozo e Nicolau. Galeria Dama Aflita, Porto.

⇒ **Dama Aflita**



Autorretrato de Flávio de Carvalho

**6-8 SET
FESTA DO
AVANTE**

Festa anual do Partido Comunista Português, aberta ao público em geral. Música, teatro, cinema, artes plásticas e artesanato integram o programa cultural. Quinta da Atalaia, Seixal.

⇒ **Avante**

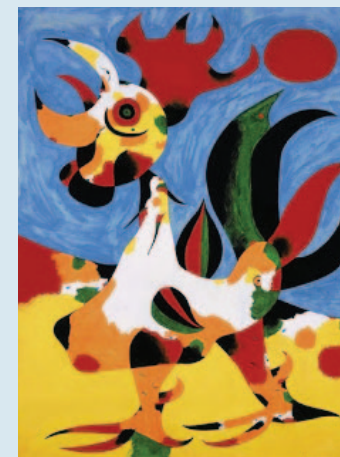


Mariem Hassan

**ATÉ
24 SET
JOAN MIRÓ.
OBRA
GRÁFICA**

Exposição de gravuras e litografias de Joan Miró pertencentes à colecção da sua fundação. Fundació Joan Miró, Barcelona.

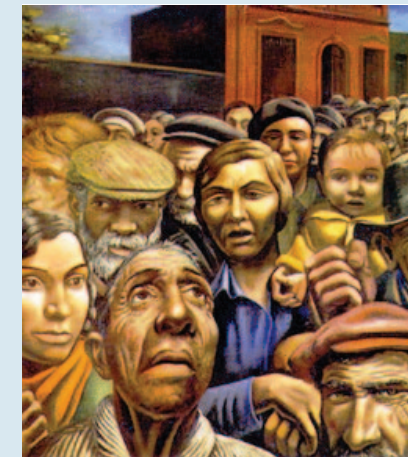
⇒ **Miró**



**ATÉ
1 SET
MALBA
FEDERAL.
RELATOS
LATINOAME-
RICANOS**

Exposição com mais de meia centena de obras de artistas latino-americanos, desde as vanguardas do início do século XX até aos anos 2000. Museo de Arte latinoamericano, Buenos Aires

⇒ **Malba**



Jorge Esteban

Diretor

Sérgio Machado Letria

Edição e redação

Andreia Brites

Sara Figueiredo Costa

Design e paginação

Jorge Silva/Silvadesigners

FUNDAÇÃO

JOSÉ SARAMAGO

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org

<http://www.josesaramago.org>

N.º registo na ERC 126 238

Os textos assinados
são da responsabilidade
dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação
podem ser reproduzidos
ao abrigo da Licença
Creative Commons

